

CURRÍCULO CULTURAL, PÂNICO MORAL E PEDAGOGIAS CULTURAIS NA MÍDIA E NO SERIADO THE WALKING DEAD

Laerte Ferraz da Silva¹
Maria Lúcia C. Wortmann²

RESUMO

Com base na perspectiva teórica dos Estudos Culturais, este texto aborda alguns temas importantes para a área, que são atravessados por questões, problemáticas e dilemas construídos social e culturalmente, que forjam identidades, representações, discursos, valores e verdades, difundidos, sobretudo, pelos meios de comunicação. Este conjunto de saberes e práticas compõem um “Currículo Cultural”, que é moldado por relações de poder que envolvem disputas por significados. O texto inclui, também, reflexões em torno do conceito de “Pânico Moral”, que impregna fortemente a história narrada em *The Walking Dead*, artefato cultural examinado no estudo que apresento e no qual circulam discursos que exacerbam certos medos e dilemas sociais. Na terceira parte do texto é analisada em mais detalhe a obra do escritor Robert Kirkman, “*The Walking Dead*”, que é inspirada pelos filmes de terror de George Andrew Romero, e que se configura por proceder a uma ampla crítica social e a, tencionar relações humanas, dilemas, medos humanos e sociais. Cabe registrar que o grande sucesso de audiência dessa série, em vários países, permite que essa seja considerada um artefato cultural de grande apelo e impacto social. Portanto, o objetivo desta pesquisa é trazer questionamentos, reflexões e uma breve noção sobre “Currículo Cultural”, “Pânico Moral” e “Pedagogias Culturais”, além de identificar e mostrar como são construídas e utilizadas algumas práticas de normatização e mobilização dos sujeitos em algumas instâncias valorizadas pela cultura contemporânea.

Palavras-chave: Currículo cultural. Pânico moral. Pedagogias culturais. Mídia.

¹ Mestrando do curso de Mestrado em Educação com ênfase em Estudos Culturais - PPGEDU/ULBRA – Bolsista CAPES/CNPq – Possui graduação em Licenciatura Plena em História pela Universidade Luterana do Brasil (2006), Pós-graduação no curso de Especialização em Patrimônio Cultural e Identidades (2010) pela Universidade Luterana do Brasil. Atualmente é professor de História na rede de ensino público estadual do Rio Grande do Sul e mestrando no curso de Mestrado em Educação com ênfase em Estudos Culturais na universidade Luterana do Brasil. Email: laerteferraz@bol.com.br

² Professora – Orientadora do curso de Mestrado em Educação com ênfase em Estudos Culturais- PPGEDU/ULBRA - Possui graduação em História Natural pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1967), mestrado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1980) e doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1994), tendo realizado doutorado-sanduíche com bolsa CNPq na Université Pierre et Marie Curie (ParisVI). Atualmente é professor adjunto da Universidade Luterana do Brasil e professora pesquisadora convidada da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Estudos Culturais em Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: estudos culturais em educação, estudos culturais, educação em ciência, pedagogias culturais e estudos culturais de ciência. Email: wortmann@terra.com.br.

1 INTRODUÇÃO

Na perspectiva dos Estudos Culturais, entende-se ser a história da humanidade marcada por questões, problemáticas e dilemas construídos, difundidos social e culturalmente, os quais são, com frequência abandonados, esquecidos ou reconfigurados ao longo do tempo. E tudo isso tem importantes efeitos sobre os sujeitos, pois neles estão contidas representações sobre identidades, valores e modos de pensar o mundo. Pode-se dizer que estes questionamentos, problemas, temáticas e valores que circulam em uma ampla gama de produções entre as quais se encontram jornais, revistas, a televisão, o cinema, entre tantas outras, integram uma Currículo Cultural que Costa (1999) apresentou do seguinte modo:

O currículo e seus componentes constituem um conjunto articulado e normatizado de saberes, regidos por uma determinada ordem, estabelecida em uma arena em que estão em luta visões de mundo e onde se produzem, elegem e transmitem representações, narrativas, significados sobre as coisas e seres do mundo (COSTA, 1999, p. 41).

Como a autora (ibid) ressalta o conjunto de produções, de práticas e de discursos que integram o que se tem chamado de currículo cultural está perpassado por relações de poder e disputas por significados, os quais, por sua vez, conferem (ou não) relevância a conhecimentos, saberes, discursos e práticas culturais, que repercutem na sociedade de muitas formas e que atuam no governo dos indivíduos. É nesse sentido que o currículo é produtivo, porque narra *sobre o dever ser*, mas, também ao atuar na subjetivação dos sujeitos, não apenas através da ação de determinados indivíduos, mas, também, ao mobilizar uma série de condições e fatores.

Na pós-modernidade há uma profusão de produções midiáticas que integram o já referido currículo cultural. Tais produções apropriam-se das problemáticas sociais, não, apenas, informando sobre essas, mas, com grande frequência, transformando-as em produtos de consumo que se empenham na conquista de mentes, corações e bolsos de um público consumidor, cada vez mais, crescente e abrangente,

Com este princípio, ao analisar artefatos culturais midiáticos, torna-se importante discutir e refletir sobre o entorno social, no qual as situações focalizadas se delineiam atentando-se, igualmente, para algumas reverberações dos discursos postos em circulação nesses meios. Cabe

lembrar aqui, que os discursos operam orientando nossas compreensões, mas, também, constroem/desconstroem dilemas sociais e operam, por vezes, na instituição de problemáticas que conduzem à instauração de posturas que geram pânico moral.

Atitudes vinculadas ao pânico moral têm servido a diversos propósitos, estando entre essas a finalidade de “proteger” uma determinada cultura de “ameaças externas”, que tanto podem ser associadas ao temor que a inclusão de determinados grupos étnicos/raciais poderá gerar em algumas sociedades, quanto restrições relacionadas à propagação de doenças, mas, também a determinadas identidades de gênero, geracionais etc. Tais temores configuram, por vezes, grupos de sujeitos como causadores de males sociais que poderiam, em um futuro próximo, estabelecer o caos na civilização.

2 A INSTAURAÇÃO DO PÂNICO MORAL ATRAVÉS DA PEDAGOGIA CULTURAL

A construção do pânico gera resultados relativamente eficazes para os interesses que envolvem a sua produção. Muitas vezes, esse se instaura em “pedagogias culturais”, expressão utilizada para referir a existência de espaços e práticas culturais articuladas que exercem poder e produzem certos efeitos sobre as formas dos sujeitos pensarem sobre si próprios e sobre o mundo que os cerca. Em outras palavras, tais pedagogias são formas diferentes e organizadas de educação e aprendizado que não se limitam à escola e que estão presentes nas mais diversas instâncias da vida” (Barbosa, 2015, p.28). Portanto, o pânico moral em si não é uma pedagogia, mas ele pode se instaurar a partir de determinadas pedagogias, frequentemente a partir das chamadas pedagogias da mídia.

Instâncias tais como as revistas, os jornais, o rádio, a internet, mas, também, a literatura podem colocar em destaque uma ampla gama de valores, sentimentos, compreensões, estéticas e temores. Essas podem também em certos momentos atuar na produção de um pânico moral que, segundo Thompson:

assume a forma de campanhas (“cruzadas”), que são sustentadas por um determinado período de tempo (curto ou longo). Em segundo lugar, eles apelam, justamente, às pessoas que estão alarmadas com a fragmentação e a ruptura características da pós-modernidade (THOMPSON apud RIPOLL, 2012, p. 241).

O pânico moral se instaura, muitas vezes, a partir de um intuito de provocar o combate ou a mobilização social em torno de uma problemática, que é atrelada a causas, condições, episódios, pessoas ou grupos configurados ora como ameaças à saúde pública, ora a valores, costumes, interesses sociais, culturais ou civilizatórios.

Há, no entanto, vários estágios de “pânico moral”, que vão desde a definição da ameaça até a resposta das autoridades, a diminuição do pânico e as consequentes mudanças políticas, culturais ou sociais implementadas com a finalidade de solucionar o problema, estas, no entanto, podem ser passageiras, duradouras ou radicais.

A mídia é a principal difusora do pânico, manchetes de jornais e revistas, programas de televisão, reportagens e documentários sensacionalistas, novelas, filmes, séries de TV, entre outros, são poderosas ferramentas para apontar, divulgar e amplificar as ameaças que estão sendo configuradas como estando rondando a ordem, o progresso, a civilização e a humanidade.

A exaustiva veiculação de catástrofes, “sangue”, explosões e violência de todas as formas imagináveis (e por vezes inimagináveis) torna evidente, por parte da mídia, todo este empenho em noticiar o terror, resultando na instauração de um clima de insegurança e intranquilidade, agravado pela diluição das instituições modernas com a finalidade de domar, controlar ou eliminar o medo.

Segundo Bauman:

No ambiente líquido-moderno, contudo, a luta contra os medos se tornou tarefa para a vida inteira, enquanto os perigos que os deflagram – ainda que nenhum deles seja percebido como inadministrável – passaram a ser considerados companhias permanentes e indissociáveis da vida humana. Nossa vida está longe de ser livre do medo, e o ambiente líquido-moderno em que tende a ser conduzida está longe de ser livre de perigos e ameaças. A vida inteira é agora uma longa luta, e provavelmente impossível de vencer, contra o impacto potencialmente incapacitante dos medos e contra os perigos, genuínos ou supostos, que nos tornam temerosos (BAUMAN, 2008, p. 15).

Portanto, a realidade líquido-moderna, em que o medo constante é somado à descrença, impotência e à impossibilidade de controlar os perigos e ameaças, é um potente aditivo para estimular e consolidar o pânico moral e, por isto, governo, mídia, instituições sociais, entre outros, procuram exacerbar as causas e os riscos, mesmo que elas não existam, para facilitar a prevenção e remedia-los antes que a desordem se instale. Com este princípio e de forma contraditória, ainda

sobrevive (agonizante) um resquício de esperança de que, embora o caos esteja a todo momento na espreita da sociedade, é possível controlá-lo., Como salientou Ripoll:

Os meios de comunicação (em especial, a TV) também tratam de “isolar” o pânico, promovendo um distanciamento entre o que os noticiários, os jornais e as revistas “dizem” e a vida cotidiana. Nesse sentido, contraditoriamente, o medo seria mostrado de modo generalizado e banalizado (todos, sem exceção, estariam sujeitos a todos os tipos de risco), mas também, seria representado como algo que poderia ser controlável (através da tecnologia, da justiça, da polícia, da Ciência, dos cientistas, etc) (RIPOLL, 2012, p. 242).

Desta forma, a mídia sensacionalista lucra de duas formas: explorando as causas do pânico e também apontando os caminhos da salvação, mas tomando cuidado para que a sociedade não deixe morrer a esperança ou se convença de que já perdeu o controle da situação. Neste sentido, um grande leque de medos sociais podem ser acionados e tencionados pela mídia estando entre esses: o medo da radiação, o medo da loucura, medo de câncer, medo da velhice, medo da demência, medo de epidemias, medo da obesidade, entre outros (Ripoll, 2012), retroalimentando a paranoia social. Paralelamente, também são apresentadas as causas ou os culpados das catástrofes que poderão vir, além de numerosa gama de possíveis soluções para o problema apontado, de forma que se vislumbre, pelo menos, uma saída para evitar a instituição do caos.

Cotidianamente, há vários exemplos de tentativas de instituição do horror por parte dos meios de comunicação, que poderiam ser citados. Pesquisadores como a jornalista Liege Freitas Barbosa em sua dissertação de mestrado: “De “rebeldes sem causa” a “ninjas” e “organizadores do caos” – a reinvenção da juventude nas narrativas midiáticas das manifestações de junho de 2013 no Brasil”, pesquisou matérias e reportagens explicitando o modo tendencioso, ambivalente e cambiante como estas mídias constroem seus textos e imagens, visando não apenas informar, mas desencadear sentimentos e tensões no leitor.

A autora (ibid) apontou para como o jornal brasileiro Folha de São Paulo procurou localizar alguns grupos de jovens como culpados pela violência nos protestos e como, em outro momento, deu mais ênfase à crítica a atuação violenta da polícia. Em manchetes tais como as dos dias 13 e 14 de junho de 2013 – “Governo de SP diz que será mais duro contra o vandalismo” e “Polícia reage com violência a protesto e SP vive noite de caos” – a pesquisadora salientou que:

Neste breve exercício de observação das capas do jornal, já é possível apontar algumas diferenças do posicionamento sobre os eventos, o que pode evidenciar uma postura cambiante por parte da mídia. Nesse contexto, e visando dar conta dos acontecimentos e do protagonismo jovem nas manifestações, a mesma mídia criou um repertório conceitual específico que nomeou, definiu, narrou e colocou os participantes dos protestos em diferentes patamares. Em alguns momentos, a mídia os narrou como “vândalos”, “baderneiros”, “marginais” e enalteceu a atuação das polícias, e em outros os definiu como “manifestantes”, “participantes”, “pacíficos”, descrevendo o abuso do uso de força e violência pelas instituições de segurança. Essa ambivalência de discursos e práticas nas notícias foi uma característica marcante nesta perspectiva midiática dos protestos (BARBOSA, 2015, p. 28).

Esta visão dúbia, ambivalente e contraditória que pode ser vista nestes artigos da Folha de São Paulo pode ser percebida também na imagem da capa da revista *Veja* do dia 26 de junho de 2013, segundo a interpretação da jornalista:

Na imagem, essa pessoa representa a juventude brasileira que foi às ruas protestar. Na fotografia, o/a jovem aparece envolto/a por uma canga de praia com a imagem da bandeira do Brasil, símbolo do patriotismo nacional. O pano que tremula sobre seus ombros remete à ideia de que a juventude brasileira está mexendo com o País, protagonizando um movimento de mudança, fazendo o Brasil mudar de alguma forma. Assim, poderíamos interpretar o jovem como a esperança de um futuro melhor, de dias mais prósperos. Um jovem que carrega nas costas a expectativa de um Brasil pelo menos diferente, mexido, chacoalhado pelas mobilizações que ele mesmo protagonizou. Por outro lado, em segundo plano, temos ao fundo a paisagem urbana já alterada pelos atos realizados no protesto. Algumas luzes da cidade e a presença de fumaça e fogo, sugerindo rastros de depredação. No chão, materiais que parecem bloquear a rua, como uma espécie de barricada. E a juventude, por sua vez, não está paralisada, pelo contrário: está andando, em movimento, caminha nas ruas em direção ao fogo, ao encontro nos locais de manifestação sem expressar postura corporal de retração ou acuação (o que sugere coragem/atitude/embate). As cores quentes da imagem (o laranja do fogo e o vermelho no nome da revista) remetem à energia, sangue, paixão, violência, poder, guerra. Tem um caráter de luta, revolucionário. Ao se dirigir com coragem ao lugar de conflito, a juventude talvez pudesse também significar o problema, os vândalos, as depredações de patrimônio, a violência nas ruas. (BARBOSA, 2015, p. 41-42).

A revista também focalizou a delinquência juvenil nos protestos, dando destaque à identidade de determinados jovens, apontados como os principais responsáveis pelos atos violentos e depredatórios ocorridos nas manifestações populares em junho de 2013 no Brasil. Contudo, na análise da pesquisadora fica evidente a tentativa destes meios de comunicação em estereotipar a juventude e estimular o pânico moral na sociedade, “Narrativas onde é possível

identificar a essencialização de determinadas condutas e a tentativa de incorporação de certas imagens fixas sobre os jovens” (Barbosa, 2015, p.52), para que, desta forma, fique mais evidente as causas, os responsáveis, a ideologia e a identidade dos jovens delinquentes, para que, implicitamente o texto e as imagens enalteçam o tipo de comportamento “adequado” dos jovens que não aderem ao vandalismo, fica sub entendido também as medidas cabíveis à sociedade, para que os jovens futuramente não se tornem protagonistas, novamente, destes tipos de atos destrutivos.

Outro exemplo de pânico moral exacerbado e difundido pela mídia ocorreu em 2014 no caso do surto epidêmico de Ebola, ocorrido na África, principalmente nos países de Serra Leoa, Guiné, Libéria, Nigéria, Senegal, resultando em uma intensa histeria coletiva de medo e revolta, principalmente nos EUA, Europa, Ásia e África. O frenesi de terror epidêmico atingiu, além dos habitantes africanos, também a população norte-americana e de alguns países europeus, asiáticos e até mesmo latino-americanos, mobilizou profissionais da área da saúde que trabalhavam para conter o vírus na África. Além disso, autoridades americanas, europeias e asiáticas e de alguns estados norte-americanos estipularam medidas drásticas, restritivas e de monitoramento em relação a habitantes, turistas africanos, médicos, enfermeiros e funcionários americanos que entravam no país vindos da região infectada pela doença. Cabe registrar que estas políticas de saúde pública, nunca tinham sido tomadas no território americano, em toda a sua história, nem mesmo em outras crises de saúde como a epidemia de Aids, a gripe H1N1 ou a Síndrome Respiratória Aguda (SARS), tendo tais medidas afetado, inclusive, os debates nas campanhas políticas das eleições dos EUA em 2014.

Em meio às declarações do presidente Barack Obama e a informações divulgadas por jornais norte-americanos e pelos principais meios de comunicação do mundo, este era o maior surto do vírus Ebola de todos os tempos, tendo vitimando dezenas de pessoas diariamente. Nessa situação, habitantes africanos e médicos americanos se revoltavam, políticos deliravam e se digladiavam, autoridades decretavam medidas drásticas, enquanto a população entrava em pânico. Abaixo alguns trechos de jornais e noticiários online que mostram alguns dos embates políticos, os receios

e as revoltas ocasionadas pelo temor coletivo frente a um dos medos mais recorrentes da história da humanidade: o medo das epidemias:

Os conhecidos efeitos do ebola ganharam um acréscimo: sua capacidade para enfrentar políticos de uma mesma vertente e abrir um debate sobre os limites da competência das administrações públicas em uma questão de saúde pública, cujas decisões deveriam ser baseadas em critérios científicos. Tudo isso temperado por uma semana bem tensa por conta das eleições legislativas de 4 de novembro, em que os políticos procuram não se contaminar, em sentido figurado, pelo vírus. Os republicanos, enquanto isso, assistem prazerosamente os choques entre democratas enquanto as pesquisas aumentam sua vantagem para tomar o controle do Congresso no 4-N³.

A Casa Branca teme uma corrida dos Estados para ver quais deles adota medidas mais severas, o que deixaria a população com uma crescente inquietude, o efeito estigmatizante e desmotivador que pode causar o isolamento de muitos médicos que combateram a doença na África⁴.

Meu trabalho é proteger as pessoas de Nova York. Por isso tomo essa decisão”, disse Cuomo em uma coletiva de imprensa na noite de domingo. Ao lado dele, o prefeito De Blasio pediu ao governador flexibilidade para que o isolamento dos trabalhadores de saúde não implique em falta de respeito. As palavras do regente referem-se às críticas feitas pelo coletivo médico e a enfermeira Kaci Hickox, a primeira pessoa isolada em Nova Jersey após a aplicação de novos protocolos. Hickox disse que o tratamento que estava recebendo era “desumano” e censurou o governador do Estado, Chris Christie, por assegurar, sem nenhuma base para isso, que ela estava contaminada pelo ebola. “Se você conhece algo sobre o vírus, deveria saber que as pessoas assintomáticas não estão infectadas”, disse a enfermeira. Como denúncia, Hickox divulgou uma foto de seu isolamento em uma barraca de campanha com um banheiro móvel. A enfermeira, que não apresenta nenhum sintoma da doença, contratou os serviços de um advogado para processar as autoridades estaduais pelo que considera uma violação de seus direitos fundamentais⁵.

Os esforços para conter a epidemia também se viram confrontados com a descrença local em relação a médicos estrangeiros e com os boatos de que voluntários estivessem com a infecção. A presidente liberiana alertou que os rituais funerários locais estavam entre os fatores que têm contribuído para a disseminação da doença. “Temos sido incapazes de combater a disseminação devido à negação continuada, a práticas de sepultamento culturais, ao desrespeito aos alertas dos trabalhadores de saúde e do governo”, disse Sirleaf⁶.

³ Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2014/10/27/internacional/1414419388_514401.htm>. Acesso em: 05 jan. 2016.

⁴ Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2014/10/27/internacional/1414419388_514401.htm>. Acesso em: 05 jan. 2016.

⁵ Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2014/10/27/internacional/1414419388_514401.htm>. Acesso em: 05 jan. 2016.

⁶ Disponível em: <http://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2014/08/20/interna_internacional,560759/ebola-medidas-restritivas-geram-violencia-na-liberia-asia-teme-novos-casos.shtml>. Acesso em: 05 jan. 2016.

A violência explodiu em uma área colocada em quarentena em Monróvia, capital da Libéria, enquanto autoridades lutavam para conter a epidemia de Ebola e novos casos suspeitos na Ásia despertavam o temor de que o vírus se dissemine para além da África. Quatro moradores ficaram feridos em West Point, subúrbio de Monróvia, quando soldados dispararam bombas de gás lacrimogênio na população, quando os militares tentavam retirar uma autoridade do governo e seus familiares que estavam na zona da quarentena. O cerco à Libéria ocorre no momento em que as autoridades de todo o mundo lutam para conter a pior epidemia do Ebola, quando cifras oficiais indicaram 106 novos óbitos em apenas dois dias, aumentando o total de vítimas da doença para 1.350. A Libéria, com 576 mortes e 972 casos diagnosticados, é o país mais afetado das quatro nações do oeste da África atingidas pela epidemia e os números de mortes e infecções aumentam dramaticamente⁷.

Moradores de West Point, onde os jovens armados com cassetetes invadiram um centro para o tratamento de doentes com Ebola este sábado, reagiram com raiva às medidas, atirando pedras nas forças de segurança.

"É desumano", disse ao telefone à AFP o morador Patrick Wesseh.

"Eles não podem, repentinamente, nos trancar sem aviso. Como nossas crianças vão comer?", continuou⁸.

Na quarta-feira, autoridades da Ásia disseram ter detido várias pessoas procedentes do oeste da África, devido à suspeita de contágio por Ebola.

Dois nigerianos que viajaram da Nigéria para o Vietnã eram submetidos a exames em um hospital da Cidade Ho Chi Minh, informaram autoridades sanitárias. Em Mianmar, um morador também era submetido a exames depois de chegar da Guiné. Os casos se somam às notícias, esta terça-feira, de que pacientes também eram examinados nos Estados Unidos e na Espanha⁹.

Colômbia nega visto a viajantes

O país latino-americano começou a negar a entrada de pessoas que visitaram recentemente os países da África Ocidental afetados pelo vírus do ebola, de acordo com a agência Reuters, que ouviu fontes do Ministério das Relações Exteriores. A medida entrou em vigor na terça-feira (14), se aplica a pessoas que estiveram em Serra Leoa, Libéria, Guiné e Nigéria, e foi adotada em resposta a uma recomendação do Instituto Nacional de Saúde para evitar a propagação do vírus, segundo fontes do Ministério das Relações Exteriores que não foram autorizadas a falar sobre o assunto. Guardas de fronteira da Colômbia vão negar entrada a qualquer pessoa com passaporte que mostre uma recente viagem aos países com surto, e os consulados vão vetar os pedidos de visto para qualquer pessoa que tenha visitado essas nações nas quatro semanas anteriores. Outros países, como o Qatar, Cabo Verde e a África do Sul determinaram medidas restritivas a passageiros vindo de regiões afetadas pela epidemia. Os Estados Unidos adotaram procedimentos em aeroportos para checar a temperatura de passageiros¹⁰.

⁷ Disponível em: <http://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2014/08/20/interna_internacional_560759/ebola-medidas-restritivas-geram-violencia-na-liberia-asia-teme-novos-casos.shtml>. Acesso em: 05 jan. 2016.

⁸ Disponível em: <http://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2014/08/20/interna_internacional_560759/ebola-medidas-restritivas-geram-violencia-na-liberia-asia-teme-novos-casos.shtml>. Acesso em: 05 jan. 2016.

⁹ Disponível em: http://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2014/08/20/interna_internacional_560759/ebola-medidas-restritivas-geram-violencia-na-liberia-asia-teme-novos-casos.shtml. Acesso em: 05 jan. 2016.

¹⁰ Disponível em: <<http://g1.globo.com/bemestar/ebola/noticia/2014/10/eua-trabalham-com-possibilidade-real-de>>

Apesar de tudo, após 2 anos e um mês de combate à doença, conflitos, muito pitiatismo coletivo e aproximadamente 11 mil mortos, finalmente, no dia 13/01/2016 a “Organização Mundial da Saúde (OMS) anunciou oficialmente (...) o fim da epidemia de ebola no Oeste da África, ao declarar a Libéria, o último país afetado, livre da doença”¹¹. E, assim, Mais uma vez, o mundo estava a salvo de um possível apocalipse epidêmico. Após os formadores de opinião se manifestarem, na mídia, e as autoridades tomarem as “medidas necessárias”, o pânico se dilui (como ocorreu após as “Jornadas de Junho”) ou resultam em mudanças sociais (no caso da epidemia de Ebola).

Contudo, não apenas a mídia jornalística tem o privilégio de atingir e influenciar milhares de mentes e corações servindo a um determinado propósito, mas também a mídia voltada ao entretenimento (filmes, desenhos animados, histórias em quadrinhos, games, novelas, seriados, entre outros) também carrega em seu âmbito a pretensão de ensinar e devido ao seu grande apelo popular estes artefatos culturais funcionam, também, como poderosas pedagogias culturais.

3 PÂNICO MORAL EM THE WALKING DEAD: O APOCALIPSE ZUMBI COMO PEDAGOGIA CULTURAL

The Walking Dead é um dos artefatos culturais produzidos pela indústria midiática, que integram um “Currículo Cultural” instaurado nos tempos atuais.

A obra se encaixa em um contexto social apocalíptico, de aniquilação de valores culturais forjados pela modernidade e nela são postos em circulação discursos que tencionam e compreendem reflexões sobre dilemas e problemáticas sociais contemporâneas. Inspirado pela obra de George Andrew Romero que, no longa metragem “A Noite dos Mortos-Vivos”, lançado em 1968, utilizou os zumbis como personagens de um ambiente apocalíptico para realizar e desenvolver um trama social, o crítico de cinema Caio de Freitas Paes fez a seguinte análise:

Por mais que os “mortos-vivos” não fossem novidade no mundo cinematográfico, Romero trouxe um importante aspecto ao gênero com esta obra: a crítica social. Por meio desta metáfora (uma infestação de uma praga zumbi), o cineasta escancara o que Hobbes havia dito séculos antes: somos nossos próprios lobos. Para sobreviver,

[novos-casos-de-ebola.html](#)>. Acesso: 05 jan. 2016.

¹¹ Disponível em: <<http://g1.globo.com/bemestar/noticia/2016/01/oms-anuncia-o-fim-da-epidemia-de-ebola-no-oeste-da-africa.html>>. Acesso em: 15 jan. 2016.

muitos de nós podemos tomar decisões eticamente discutíveis, condenáveis, mostrar facetas sombrias e obscuras da existência humana. Nos tornamos assassinos impiedosos, sombras malditas em forma de homens e mulheres. (...) As hordas de mortos-vivos de Romero representam muito mais do que o medo; elas simbolizam uma sociedade com raízes apodrecidas, autofágica. Condenados a vagarem pelos campos em busca do último sinal de vida restante, os zumbis de Romero são incansáveis. Com corpos apodrecidos, são movidos apenas pela fome, pela determinação em destruir – mesmo que inconscientemente – o mundo do qual fazemos parte. (PAES, 2012, p. 200-201).

Inúmeras produções midiáticas, ao longo do tempo, utilizaram diferentes monstros como protagonistas, inclusive os zumbis, mas apenas após os filmes de Romero - a “Noite dos Mortos Vivos” (1968), “O Despertar dos Mortos” (1978), “Dia dos Mortos” (1981), “Terra dos Mortos” (2001), “Diário dos Mortos” (2007) - o gênero de terror e suspense adicionou ao enredo problemáticas sociais, influenciando e inspirando outras obras. The Walking Dead está entre os trabalhos que homenageiam George A. Romero, tendo a série sido lançada em 2003, criada pelo escritor Robert Kirkman em parceria com o desenhista Tony Moore. Primeiramente a história foi lançada em HQ, mas apesar de seu sucesso e popularidade entre os leitores, essa se tornou um fenômeno mundial somente quando virou série de TV. Baseado nos quadrinhos, o primeiro episódio estreou nos EUA em 31 de outubro de 2010, sendo assistido por 5 milhões de pessoas, dando início a uma trajetória de sucesso crescente, que passou a incluir outros formatos audiovisuais (livros e games), além de dar origem a uma série derivada “Fear The Walking Dead”, vista por 10 milhões de pessoas na sua estreia em 2015. Atualmente, The Walking Dead encontra-se na sua 6ª temporada e está em exibição pelos canais AMC e FOX, já contando com contrato renovado para a produção da 7ª Temporada¹².

Assim como os filmes de mortos-vivos de Romero, no seriado criado por Robert Kirkman, o protagonismo dos zumbis se dilui em meio a problemáticas sociais e às intrincadas relações mantidas pelos personagens, ao longo da série. Nessa, o apocalipse zumbi funciona como o cenário para o desenrolar dos muitos dramas que evocam problemáticas culturais, sociais e civilizatórias.

A trama registra, que após o apocalipse zumbi, dos 7 bilhões de habitantes existentes atualmente no mundo, teriam restado, apenas, aproximadamente, 20 milhões de pessoas,

¹² Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/temporadas/series/series-renovadas/the-walking-dead-ja-esta-renovada-para-sua-setima-temporada/>>. Acesso em: 17 jan. 2016.

desenvolvendo-se o enredo em torno de um pequeno grupo de sobreviventes que têm inúmeras diferenças e peculiaridades, mas que estão unidos, sob a liderança de um policial chamado Rick Grimes, pela grande vontade de sobreviver. Cada personagem apresenta algum estereótipo contemporâneo e, no desenvolvimento da história, muitas posições identitárias se alteram, pois alguns conspiram, tornam-se vilões, etc. O desafio que enfrentam é manterem-se vivos e, em função disso, o grupo é constantemente instado a pensar sobre seus valores, a estabelecer regras, a delimitar funções, enfim, a organizarem/(re)organizarem ações de “civildade”.

E este processo ocorre em um contexto bastante diferente do que caracteriza as sociedades contemporâneas, de um modo geral, mesmo que se possa encontrar alusões a situações que envolvem os conflitos no Oriente Médio e em países africanos, bem como questões das migrações motivadas pela miséria e destruição ocasionadas por tais conflitos. No mundo de *The Walking Dead*, devido ao apocalipse, todas as instituições e elementos criados na modernidade para controlar, educar e punir os seres humanos, com o objetivo de tornar o sonho civilizatório iluminista realidade, são aniquilados pela epidemia zumbi. Diante disto, os modos como os sujeitos se configuram, assim como, os perigos aos quais está exposta a humanidade, são determinados pela exposição a um vírus que ataca, inibe, ou modifica as funções intelectivas “superiores”, destruindo a região cerebral encarregada da racionalidade, da moral, da sensibilidade implicadas na definição do humano civilizado. Restaria intacta, apenas, a parte do encéfalo que rege os instintos, o que configuraria os seres sobreviventes como primitivos e direcionados a saciar uma fome insaciável por carne e vísceras dos humanos remanescentes. Esses seres errantes vagariam pela terra em uma interminável perseguição em que transformariam a vida dos sobreviventes até que todos se transformariam nesses seres instintivos e desprovidos de faculdades cognitivas superiores.

A partir disto, uma nova ordem social é imposta, um outro mundo surge em meio ao caos em que os zumbis dominam e o pavor se torna o companheiro inseparável dos seres humanos; consequentemente estar vivo se torna um fardo que apenas os mais fortes conseguem carregar e a luta pela sobrevivência se torna constante e interminável, mesmo quando a vida da vítima é extinta, pois até os mortos-vivos não medem esforços para continuarem se movendo e se alimentando da morte.

O maior risco ou medo imposto aos seres humanos, não é morrer, mas se transformar em zumbi e perder, desta forma, a condição humana. E é a partir desta realidade que o pânico de se tornar um ser desumanizado se instaura. Pode-se apontar, assim, que o risco que é delineado nesta trama é o da perda da condição humana.

Apesar de tudo, a esperança não se esvai por completo, pois os zumbis não são imortais, eles podem ser atingidos, mortos e impedidos de prosseguir sua trajetória infame, caso seja destruído com um tiro, facada ou algum tipo de perfuração, aquilo que os humanos mais se orgulham e prezam: o cérebro. Com efeito, as ligações neurônicas são interrompidas e o vírus fica impossibilitado de animar a parte instintiva cerebral dos mortos-vivos. Mesmo diante do caos e com remotas chances de um final feliz, ainda há a possibilidade de encontrar a cura para o vírus zumbi. Até o momento, o seriado ainda não esclareceu como se iniciou a epidemia ou o quê produziu o vírus. As suposições divulgadas em alguns sites apontam para que algum tipo de droga tenha originado o vírus, tal como sucedeu na série *Breaking Bad*¹³, outro seriado também produzido por Robert Kirkman, no qual o personagem principal é um professor de química que produz uma “nova droga” a base de metanfetamina.

Um seriado como *The Walking Dead* acena para situações de promoção de Pânico Moral. Nele estão projetadas algumas situações que têm caracterizado o mundo contemporâneo, notadamente as que dizem respeito aos perigos que a disseminação, a falta de controle, a manipulação de seres ou de produtos químicos e biológicos pode oferecer para os seres humanos. Assim, a série projeta e exacerba consequências trágicas para a espécie humana caso se persista no uso indevido de agentes que poderão devastar a humanidade ou serem precursores do caos.

Em uma história como *The Walking Dead* vincula-se a ficção a certas preocupações que povoam os textos midiáticos, mas, também, as ações de alguns grupos sociais. Cabe ainda registrar que um seriado como esse ocupa espaços bem importantes em outras mídias. Em uma das notícias veiculadas no site da “Folha de São Paulo”, em 08/12/2013, foi divulgado que o consumo de metanfetamina aumentou devido ao seriado *Breaking Bad*¹⁴; já na revista “Mundo Estranho”,

¹³ Disponível em: <<http://super.abril.com.br/blogs/cultura/3-bons-motivos-para-acreditar-que-the-walking-dead-poder-na-verdade-uma-sequencia-de-breaking-bad/>>. Acesso em: 18 jan. 2016.

¹⁴ Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/12/1382405-droga-de-breaking-bad-se>>

edição de junho de 2013, uma matéria destacou a pergunta de um leitor, sobre a possibilidade de ocorrer um apocalipse zumbi, com o título: “Um Apocalipse Zumbi Pode Acontecer?” A resposta que lhe foi dada foi a seguinte:

Sim! Mas não igual aos dos filmes. Os “apocalipses zumbi” cogitados pela ciência são, na verdade, situações em que muitos vivos estariam com a mesma doença ou moléstia. O comportamento deles não seria necessariamente igual ao da ficção, mas nem por isso menos assustador. E não é paranoia: EUA e Canadá já possuem cartilhas de orientação para o caso de apocalipse zumbi. Em todas as hipóteses possíveis, a chance de infecção generalizada é grande. Vá se preparando. (ZALIS, 2013, p. 40).

Como se pode ver, também nessa resposta promove-se a aproximação entre o que ocorre hoje e um tipo de catástrofe como o que é narrado na história – há um alerta para epidemias causadas por “vírus, drogas e até nanorrobôs, que nos poderia encaminhar para “a zumbificação mais rápido do que você pensa...” (ZALIS, 2013, p. 40). O texto mobiliza o pânico no leitor, ao admitir que a ficção pode se tornar realidade - o apocalipse zumbi pode, de fato, acontecer. Além disso, no mesmo texto encontram-se, nas duas páginas seguintes, dicas de como sobreviver ao ataque dos mortos-vivos e de como montar um kit de sobrevivência, além de uma lista com os países mais seguros para onde se poderá escapar.

Ao conduzir este texto à sua finalização, destaco que o seu objetivo não é trazer respostas prontas ou questionar as ações dos envolvidos nos exemplos citados, se foram corretas, incorretas, positivas ou negativas, apontar culpados, inocentes, apoiar ou criticar a mídia e autoridades pela exacerbação, sensacionalismo e estímulo ao pânico moral como uma presumível estratégia para mobilizar as massas, aprovar leis e medidas restritivas para facilitar a imposição de normas, conceitos, políticas públicas, entre outros. O texto objetiva indicar como algumas produções culturais constroem determinadas problemáticas e delas se valem para mobilizar os públicos, difundindo, ao mesmo tempo, conceitos que ganham destaque na cultura contemporânea. E, assim, mais uma vez, tal como já fizeram autores que lidam com os Estudos Culturais, tais como Henry Giroux, Douglas Kellner, entre outros, destaco a importância de se examinar criticamente os discursos colocados em circulação nas numerosas e mobilizadoras produções midiáticas que povoam

populariza.shtml>. Acesso em: 18 jan. 2016.

nossas leituras e nosso lazer diários e que integram o que esses mesmos autores apontam se estruturarem como um verdadeiro Currículo Cultural que nos ensina a valorizar e a defender determinadas formas de pensar, viver, temer, desejar estar no mundo.

REFERÊNCIAS

ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. 12. ed. rev. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

BARBOSA, Liége Freitas. **De “Rebeldes sem Causa” a “Ninjas” e “Organizadores do Caos”**: a reinvenção da juventude nas narrativas midiáticas das manifestações de junho de 2013 no Brasil. Dissertação (Mestrado) - Universidade Luterana do Brasil, Programa de Pós Graduação em Educação. Canoas, 2015.

BAUMAN, Zygmunt. **O Mal-Estar da Pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

BAUMAN, Zygmunt. **O Medo Líquido**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

CAMOZZATO, Viviane Castro; COSTA, Marisa Vorraber. **Da pedagogia como arte às artes da pedagogia**. Pro-Posições [online], v. 24, n. 3, p. 161-182, 2013.

CAMOZZATO, Viviane Castro. **Pedagogias do Presente**. Educação e Realidade. v. 39, n. 2, 2014.

COSTA, Marisa Vorraber. Currículo e política cultural. In: COSTA, Marisa (Org.). **O currículo nos limiares do contemporâneo**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999. p. 37-68.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**: Uma História dos Costumes. V.1. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**: Formação do Estado e Civilização. V. 2. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

FALCÃO FILHO, Carlos Augusto; ALMEIDA, César Augusto Oliveira de; QUINSANI, Rafael Hansen. Fim do Homem, Início dos Mortos? Zumbis, Apocalipse e a Obra de George Romero. In: GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos (Org.). **Fim do Mundo**: Guerras, Destruição e Apocalipse na História e no cinema. Porto Alegre: Argonautas, 2012. p. 51-61.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **O Espetáculo Pedagógico da Mídia: Modos de educar na (e pela) TV.** Educação e Pesquisa: São Paulo, USP, v. 28, n. 1, 2002.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Televisão e Educação – fruir e pensar a TV.** Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p.11-52.

FREIRE FILHO, João. Fãs, a nova vanguarda da cultura? In: FREIRE FILHO, João. **Reinvenções da resistência juvenil: Os Estudos Culturais e as micropolíticas do cotidiano.** Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p. 81-110.

FREIRE FILHO, João. Retratos midiáticos da nova geração e a regulação do prazer juvenil. In: BORELLI, Sílvia H. S.; FREIRE-FILHO, João (Org.) **Culturas juvenis no século XXI.** São Paulo: EDUC, 2008.

FREUD, Sigmund. **O Mal-Estar na Civilização.** 1. ed. São Paulo: Penguin Classics & Companhia das Letras, 2011.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência.** 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

HALL, Stuart. A Centralidade da Cultura: notas sobre as revoluções de nosso tempo. **Educação & Realidade.** Porto Alegre, v. 22, p. 15-46, jul./dez. 1997.

HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade.** Trad. Tomaz. T. da Silva e Guacira Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

PAES, Caio de Freitas. O Zumbi é o Lobo do Homem. In: GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos (Org). **Fim do Mundo: Guerras, Destruição e Apocalipse na História e no cinema.** Porto Alegre: Argonautas, 2012. p. 199-202.

RIPOLL, Daniela. Genética, biotecnologia e a pedagogia do medo. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org). **A Educação na Cultura da Mídia e do Consumo.** Rio de Janeiro: Lamparina, 2009. p. 165-166.

RIPOLL, Daniela. Pânico, euforia e espetáculo bio(tecno)lógico na mídia contemporânea: desafios para a educação. In: SARAIVA, Karla; MARCELLO, Fabiana de Amorim (Org). **Estudos Culturais e Educação: Desafios atuais.** Canoas: Editora da ULBRA, 2012. p. 233-247.

SANCHEZ, Tatiana Amendola. Seis temporadas pelas ilhas de Lost: a questão da identidade pós-moderna em uma das séries de maior sucesso da televisão mundial. In: SANCHEZ, Tatiana Amendola (Org). **Estudos Culturais: Uma abordagem prática.** São Paulo: Editora SENAC, 2011. p. 113-131.

SARDIGAL, Cassius Ugarte; CUNHA, Fernanda Beron da. Contágio: O Fim da Humanidade. In: GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos (Org). **Fim do Mundo**: Guerras, Destruição e Apocalipse na História e no cinema. Porto Alegre: Argonautas, 2012. p. 48-50.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org). **Pedagogia dos Monstros**: Os Prazeres e os Perigos da Confusão de Fronteiras. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

ZALIS, Pieter. Um apocalipse zumbi pode acontecer? In: **Mundo Estranho**, editora Abril. Rio de Janeiro, ed. 139, p. 40-43, jun. 2013.